

## ACADEMIAS

*João Soares Neto*<sup>28</sup>

Há uma falsa idéia sobre as academias de letras. Alguns pensam que elas são meros repositórios de vaidades, se comprazem apenas em realizar convoscotes e não chegam a lugar nenhum em termos de conseqüência e sintonia com as carências culturais do povo. São, via de regra, criticadas por quem não as conhecem, tal como na fábula de Esopo, “A raposa e as uvas”.

As academias têm sim, pessoas vaidosas, mas não são a maioria. Os poetas e até os demais escritores são pessoas a precisar do olho do outro, do reconhecimento do que escrevem em verso e prosa, são seres em mutação constante.

Elas são entidades do bem. Tudo ali é feito com o objetivo do crescimento cultural, mesmo quando esse crescimento não se dissemina por todas as camadas e pessoas, pois são, com a exceção da Academia Brasileira de Letras, carentes de recursos financeiros e de modernidade de gestão: é difícil a liderança horizontal onde todos os pares têm o mesmo direito e não é alta a presença nos eventos.

Elas remontam ao Século IV antes de Cristo, mas só foram consolidadas na era moderna, com a Academia Francesa criada em 1635, pelo Cardeal Richelieu, à época do rei Luiz XIII. Em Portugal, foram criadas academias no século XVII: a dos Generosos, em 1647, e a dos Singulares, em 1663, ambas logo fechadas. Depois, vieram outras, mas a Academia Real das Ciências de Lisboa só foi criada em 1779 e perdura até hoje. Aqui no Brasil-Colônia, criou-se na Bahia, em 1724, a Academia Brasílica dos Esquecidos, que incluía intelectuais nacionais excluídos pela pátria-mãe. No Rio, em 1736, surgiu a Academia dos Felizes, e a dos Seletos, em 1752. Alvarenga Peixoto e Basílio da Gama fundaram, em 1769, a Arcádia Ultramarina. Mas, só foi em 1897, nas pessoas de intelectuais como Machado de Assis, José Veríssimo e Rui Barbosa, que surge a Academia Brasileira de Letras, como uma reprodução da Academia Francesa.

---

*28 João Soares Neto é membro da Academia Fortalezense de Letras, da Associação Brasileira de Bibliófilos e sócio honorário da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.*

Acadêmicos não são arautos do saber, são seres com sede de conhecimento, não importando a natureza e a motivação pessoal, mas o saber que cada um possa produzir, como agente transformador, criando vales fecundos de inquietações e de contraditórios literários. A placidez não combina com o crescimento cultural.

O grande desafio, segundo alguns acadêmicos e críticos, é que talvez tenha chegado o tempo de modificar o processo predominante na escolha de candidatos, além de dotar as academias de estatutos e regimentos que as modifiquem, injetar recursos pela criatividade, leis e incentivos de cultura e o período e forma de eleição de novos membros. Como a maioria das academias tem 40 membros permanentes, seria melhor, escolher, por mérito, 40 substitutos, efetivados por antiguidade de seleção, após a morte dos efetivos, sem o constrangimento atual da procura de votos logo após o passamento de um de seus componentes, antes até de sua inumação.

As academias têm, por sua natureza, via de regra, o bom senso e o equilíbrio de não compactuar com a falsa cultura midiática, decantada por interesse de pequenos grupos, subserviência ou ignorância. Elas permanecem, quase sempre, altivas na sua independência, simples no que fazem e perseverantes na ação doutrinadora e incompreendida de disseminar a cultura.